

Ensaio sobre a perspectiva habitar e suas possíveis contribuições para os Estudos Organizacionais

Marina Dantas de Figueiredo

INTRODUÇÃO

A questão de partida desse ensaio é o que é uma perspectiva do mundo-da-vida (*life-world-perspective*, BATESON, 1992; INGOLD, 2000), pensada no contexto dos Estudos Organizacionais (EOs), tomando-se por preocupação central a combinação a compreensão da relação entre o corpo cognoscente e a experiência de um aprendizado situado no ambiente. Ao caracterizarmos as práticas nos termos de um entrelaçamento com o mundo (SANDBERG; DALL'ALBA, 2009; FLORES-PEREIRA, 2010), buscamos explicar a perspectiva do mundo-da-vida a partir de um ponto de vista fenomenológico e ecológico. Procuramos compreender a relação da pessoa com o



mundo a partir da perspectiva do habitar (*dwelling perspective*), elaborada por Ingold (2000) a partir de reflexões sobre Heidegger (1971) Neste sentido, habitar é o processo de engajamento ativo com o ambiente que nos rodeia; é a fusão de corpo e mente, organismo biológico e pessoa culturalmente situada no contexto das práticas que constituem o viver. O contexto das práticas é o sistema onde se vive, formado pelo conjunto de elementos que interagem em uma estrutura específica, formando-a ao mesmo tempo em que são por ela formados.

Embora muitos estudos baseados na prática tenham sido inspirados por uma perspectiva do mundo-da-vida, ou usado alguns de seus conceitos, eles não necessariamente aprofundaram uma compreensão fenomenológica a esse respeito, ou sobre como o conhecimento possa ser entendido como um processo emergente que deriva do entrelaçamento da pessoa com o mundo. A contribuição pretendida é promover uma articulação mais clara do conceito de entrelaçamento com o mundo da vida, que é crucial para a análise do conhecimento prático a partir de uma perspectiva corporal e incorporada. A partir da noção de habitar, podemos depreender que o entrelaçamento está condicionado à experiência situada das práticas e, mais ainda, aos modos de percepção culturalmente forjados que viabilizam certas formas de estar no mundo. Nessa condição, a experiência não é

mediadora entre as coisas dispostas no ambiente e as representações contidas na mente. A experiência é intrínseca ao engajamento sensorial que caracteriza a percepção e a consciência da própria pessoa ao movimento dos elementos do ambiente, escolhidos como focos de atenção segundo aspectos culturais incorporados (INGOLD, 2000). Desse modo, entendemos que a experiência do conhecimento no cenário organizacional pode ser observada e compreendida mais de perto, trazendo-se para o foco das discussões a maneira como a prática é constituída e se mantém por meio da relação corporal e incorporada das pessoas com as coisas e com o mundo. No escopo das possibilidades que uma abordagem baseada na perspectiva do habitar podem proporcionar formulamos três focos de pesquisa inter-relacionados: (1) questionar a centralidade da ação humana nos processos organizativos; (2) refletir sobre os limites que a visão antropocêntrica hegemônica tem imposto aos EOs; e (3) resgatar uma perspectiva crítica sobre a relação entre organização e ambiente.

O texto está organizado da seguinte maneira: primeiro, exploramos a necessidade de novas abordagens sobre as práticas, com ênfase à crítica ao trabalho de Sandberg e Dall-Alba (2009) e ao entendimento de mundo da vida anunciado por esses autores; a seguir, aprofundamos o entendimento de mundo da vida a partir da fenomenologia,

para chegarmos ao paradigma do *embodiment* como alternativa emergente nos estudos das práticas. Na seção de discussão, revisamos a proposta inicial do artigo e apresentamos as contribuições da perspectiva do habitar para o campo dos EOs, a partir dos três focos já mencionados. Por fim, apresentamos as considerações finais, com a retomada da questão que motivou o ensaio e a síntese das principais ideias apresentadas.

UMA VISÃO BASEADA NA PRÁTICA SOBRE O MUNDO-DA-VIDA NOS EOS

Já dissemos que muitos estudos baseados na prática, no âmbito dos EOs, tendem a adotar uma natureza corporificada e sensorial para compreender a vida organizacional. Apesar disso, tais estudos não necessariamente adotam uma perspectiva que busca explicar o entrelaçamento das pessoas umas com as outras e com as coisas do mundo para explicar a própria organização. Muitos dos acadêmicos alinhados com essa corrente recorrem à fenomenologia de Merleau-Ponty (2012) para explicar a aprendizagem como resultado da experiência da percepção do corpo vivo (GHERARDI; MERILÄINEN; STRATI; VALTONEN, 2013). Ao situar a corporeidade no mundo, essa tendência para a adoção de uma perspectiva fenomenológica para compreender o processo de aprendizado (STRATI, 2007;

YAKHLEF, 2010), sem dúvida, se apoia em entendimentos apriorísticos sobre o mundo-da-vida, mas não se depreende a partir desses estudos os princípios ontológicos e axiológicos que ajudem a explicar a relação entre prática, corpo e mundo. Quanto à questão da aprendizagem, em sua relação com o contexto vivencial das práticas, por exemplo, a chamada “perspectiva enativa-corporificada vivencial” (*enactive lived embodiment perspective*, GÄRTNER, 2013, p. 342) concebe a aprendizagem como um processo cooperativo por meio do qual a pessoa explora o mundo através dos sentidos (visão, audição, tato etc.).

Antes de explicarmos o que vem a ser a perspectiva do mundo-da-vida, é necessário resgatar os princípios da fenomenologia, que já vem sendo utilizados de maneira mais ou menos sistemática nos EOs a partir de uma abordagem corporificada (*embodied*) (para aprofundá-la, vide: HASSARD; HOLLIDAY; WILLMOTT, 2000; DALE, 2001; STRATI, 2007; FLORES-PEREIRA; DAVEL; CAVEDON, 2008; HANCOCK, 2008; FLORES-PEREIRA, 2010; DORNELLES; FLORES-PEREIRA, 2011) Numa tal perspectiva fenomenológica, a percepção ocupa o espaço entre natureza e cultura e passa a explicar a existência pré-reflexiva, forjada na própria experiência do mundo e, portanto, livre de condicionantes externos ao sujeito, mas que depende fortemente do contexto cultural e histórico no qual a vida desse sujeito tem lugar. Conforme

Merleau-Ponty (2012), mesmo quando a pessoa se deixa levar inteiramente por suas experiências corporais, as referências à vida no mundo permanecem. Ao mesmo tempo em que a pessoa nunca chega a ser completamente uma coisa no mundo (por exemplo, um objeto biológico ou social), a existência incorporada não repousa inteiramente na vida interior do sujeito. É da fusão de sentidos e estímulos do ambiente cultural e historicamente formado que o sujeito emerge enquanto corpo pessoa (FLORES-PEREIRA, 2010). Considerando a objetividade das dimensões físicas do ambiente e da biologia do corpo humano, Merleau-Ponty (2012) propõe que o sujeito seja uma manifestação incompleta de certa existência situada. Em suas palavras, “é dessa maneira que o corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele” (p. 229).

A experiência do ser no mundo pressupõe o estreito contato entre pessoa e ambiente; contato este que é elaborado por meio dos sentidos antes mesmo de qualquer exercício de compreensão socialmente estruturada. Como propõe Merleau-Ponty (2012), “o mundo está lá antes do pensamento” (p. Vii), e as operações lógicas do conhecimento dedutivo começam a partir da experiência pré-reflexiva que surge da percepção. Do ponto de vista da fenomenologia, o mundo emerge do próprio processo de emergir da pessoa, pela via do engajamento ativo da pessoa com



o ambiente. Tornar-se uma pessoa é parte do processo de tornar-se um ser no mundo, conforme Merleau-Ponty (2012), de modo que a percepção como engajamento ativo necessariamente faça parte de uma presença corporificada do sujeito. O corpo é “uma coisa entre outras coisas” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 3), mas por ser uma coisa que percebe à si mesma e às outras, o corpo se torna capaz de compreender e estabelecer relações com o mundo. A subjetividade emerge da experiência objetiva do corpo próprio e do entorno. Afinal, é porque estamos imersos no mundo que podemos imaginar a nós mesmos como existindo para além dele. Assim, entendemos que nossa existência independe (ao menos relativamente) do mundo e nos tornamos uma coisa destacada das outras coisas do mundo, uma existência subjetiva que não se prende nem se compara a essas outras coisas. Desse ponto de vista, o mundo, com suas propriedades, emerge em paralelo à existência da pessoa que o percebe, contra o pano de fundo das práticas do viver.

Agora que retomamos brevemente a compreensão fenomenológica da relação entre corpo, pessoa e ambiente, convém retornarmos à elaboração do que vem a ser o mundo-da-vida e quais são (ou quais seriam) suas possíveis contribuições para os EOs. Primeiramente, convém ressaltar as acusações de perda do potencial crítico dos estudos sobre práticas nesse campo, feitas por Gherardi (2009) e Geiger (2009). Para

ambos, o problema que se coloca é que parte desses estudos perdeu o foco na relação entre prática e conhecimento, ou numa crítica pós-moderna à concepção moderna de conhecimento, ou ainda aos problemas metodológicos que o aporte teórico das práticas vividas e desempenhadas implica. Quanto a isso, Sandberg e Dall’Alba (2009) assinalam que uma nova virada para a prática nos EOs deve explorar, de forma crítica, uma ontologia do mundo-da-vida (*life-world*) como um meio de reexaminar e reconceituar a prática. Os autores apresentam a perspectiva do mundo-da-vida (*life-world perspective*) para destacar a necessidade de se investigar o entrelaçamento (*entwinement*) fenomenológico das pessoas com o mundo.

Para fazer avançar esse modo de entendimento, Sandberg e Dall’Alba (2009) oferecem três novos caminhos a serem seguidos pelas atuais abordagens da prática nos EOs. São eles: “(1) articular a forma como o entrelaçamento da vida no mundo é crucial para a análise das práticas; (2) elaborar e especificar como os aspectos centrais da prática estão inter-relacionadas, e (3) oferecer um vocabulário elaborado e distintos para conceituar a prática como entrelaçamento” (SANDBERG; DALL’ALBA., 2009, p. 1351). O entrelaçamento, que se coloca como questão central para este conceito, exprime a noção de que pessoa e mundo estão intrinsecamente relacionados na experiência vivida. Desse modo, os autores delineiam alguns

conceitos-chave de uma perspectiva do mundo-da-vida, partindo da especificidade desse relacionamento, quais sejam: entrelaçamento com o mundo, modos de ser, corpo vivo, ser com os outros (*being with others*) e equipamentos. Os autores assinalam que, para o entendimento do cotidiano a partir da perspectiva do mundo-da-vida, esses conceitos não devem ser entendidos de forma isolada, de modo a designar entidades separadas. Em conjunto, os conceitos destacam dimensões centrais da prática a partir uma perspectiva do mundo-da-vida.

A noção de entrelaçamento com o mundo determina que os aspectos de tal prática como atividades, conhecimento, pessoas e equipamentos que estão interligados com e tomam o seu significado de mundos de práticas. O conceito de modos de ser destaca as formas específicas através das quais chegamos a compreender a nós mesmos como praticantes através do desempenho. O conceito de ser com os outros dirige atenção para a prática como fato social e historicamente constituído que resulta em formas de organização compartilhadas entre as pessoas através da socialização, educação e trabalho. A noção do corpo vivo chama a atenção para a maneira como determinadas atividades, conhecimento, equipamentos e relações com os outros que pertencem a prática específicas são integradas e incorporadas enquanto saber-fazer por parte dos praticantes. Finalmente, o conceito de equipamentos destaca

como ferramentas, roupas e objetos de qualquer tipo contribuem para a constituição de práticas, tanto no sentido de sua utilidade a consecução de etapas específicas das práticas, quanto na maneira como o desempenho desta mesma etapas molda as práticas em si. Sandberg e Dall’Alba (2009) se preocupam, ainda, em identificar maneiras através das quais os conceitos-chave da perspectiva do mundo-da-vida são semelhantes ou diferem das características comuns às abordagens da prática. O quadro 1 localiza todos eles juntamente com as características das abordagens da prática com os quais mais se relacionam, expressando essa tentativa de comparação.

Quadro 1: Conceitos do mundo-da-vida que dizem respeito às características das abordagens da prática.

Conceito do mundo-da-vida	Aspecto das abordagens da prática
Entrelaçamento com os mundos da prática	Não-dualismo
Modos de ser	Agência humana
Corpo vivo	<i>Embodiment</i>
Ser (com) os outros	Prática como social
Equipamentos e extensões do corpo	Inclusão dos não-humanos

Fonte: Sandberg e Dall’Alba (2009).

O caráter relacional da prática é a ideia central tanto para a perspectiva do mundo-da-vida de Sandberg e Dall’Alba (2009), como para as abordagens prevalentes sobre as práticas. Em uma visão relacional, os componentes centrais da prática, tais como

as atividades rotineiras, o conhecimento, nós mesmos, os outros e as coisas não existem independentemente uns dos outros. Embora esta unidade possa ser percebida nas teorias da prática, Schatzki, (1997) chama atenção para divergências quanto a compreensão da qualidade dessa relação no interior das diferentes vertentes e para a maneira como práticas e ações estão ligadas; ou, mais precisamente, para o modo como “práticas e ações estão entrelaçadas” (p. 284). Este caráter relacional da prática é especificado na perspectiva do mundo-da-vida através da noção de que os seres humanos, bem como não-humanos, tais como ferramentas e equipamentos, estão interligados em mundos de práticas. Enquanto a ontologia tradicional assume o princípio da desconexão – estamos essencialmente separados do mundo, mas nos ligamos a ele à medida que o viver no mundo requer o desempenho de atividades – a ontologia do mundo-da-vida considera o entrelaçamento de nós mesmos com os outros e com as coisas como a nossa principal forma de ser (*being*), no sentido de que as identidades sociais que nos definem não podem existir para além do contexto das práticas a que estão relacionadas. “Em outras palavras”, segundo Sandberg e Dall’Alba (2009, p. 1356), “o engajamento nas ações pressupõe nosso entrelaçamento com o mundo”; entrelaçamento este que “possibilita essas ações”, quando não é justamente a causa das mesmas.

A proposta apresentada por Sandberg e Dall’Alba (2009) é pertinente sob muitos aspectos, especialmente por trazer uma abordagem que contempla a relação fenomenológica com o mundo como foco de análise para os EOs. Apesar disso, também deixa abertas novas lacunas para a serem preenchidas pelos pesquisadores engajados no movimento que os autores chamam de ‘novo retorno para as práticas’ (*returning to practice anew*), a partir de uma abordagem fenomenológica. A principal contribuição da perspectiva do mundo-da-vida é endossar a necessidade de resgatar o entendimento sobre o corpo vivo para o estudo das práticas no contexto organizacional, enfatizando indiretamente a pertinência de outros trabalhos que abordaram anteriormente a questão da corporeidade (*embodiment*) a partir de uma perspectiva fenomenológica no campo dos EOs (FLORES-PEREIRA, 2007; STRATI, 2007; HANCOCK, 2008). Todavia, cabe ressaltar que a intenção de Sandberg e Dall’Alba (2009) de elaborar uma forma integrada da conceptualização prática em torno dos conceitos de entrelaçamento com o mundo, modos de ser, corpo vivo, ser com os outros e equipamentos, é apenas vagamente realizada.

Os autores ressaltam que esses conceitos precisam estar combinados para destacar a compreensão da prática a partir da perspectiva do mundo-da-vida, mas não

descrevem a maneira como isso acontece. Parece-lhes suficiente propor que os conceitos estão integrados e ancorar esse entendimento na ideia de que o mundo-da-vida é o contexto de relações onde as pessoas, as práticas e as coisas estão entrelaçadas. O objetivo dos autores é esclarecer como o entrelaçamento com o mundo-da-vida constitui as práticas, muito embora nem a natureza desse entrelaçamento, nem as características do mundo-da-vida sejam exploradas. No referido artigo, os autores revisam a fenomenologia de Heidegger e mencionam brevemente o conceito de habitar (*dwelling*) sem, contudo, aprofundar este entendimento ou relacioná-lo com a perspectiva de mundo-da-vida desenvolvida ao longo do texto. Ademais, para Sandberg e Dall’Alba (2009) o habitar insere-se apenas no estudo da estratégia enquanto prática o que implica certa atitude utilitarista sobre as práticas no ambiente e impede a compreensão de algo como o entrelaçamento no mundo-da-vida de que falam os autores.

Tendo em mente as limitações do estudo de Sandberg e Dall’Alba (2009) e a carência de outros trabalhos nos EOs que tenham tentado articular o entendimento do contexto das práticas a partir de uma perspectiva fenomenológica, proponho que seja introduzido neste campo o conceito de habitar (*dwelling*), pertinente à perspectiva do habitar (*dwelling perspective*), desenvolvida por Ingold (2000) no âmbito

da Antropologia. Para este autor, o que se costuma chamar de *social* é, na verdade, um subconjunto de relações ecológicas por meio das quais os humanos existem como organismos-pessoa em um mundo repleto de outros seres, humanos e não-humanos. Habitar é o processo de engajamento ativo com o ambiente que nos rodeia; é a fusão de corpo e mente, organismo biológico e pessoa culturalmente situada no contexto das práticas que constituem o viver. Este contexto das práticas é o sistema onde se vive, formado pelo conjunto de todos os elementos que interagem em uma estrutura específica, formando-a ao mesmo tempo em que são formados por ela.

A partir da noção de habitar, podemos depreender que o entrelaçamento no mundo das práticas está condicionado à experiência situada dessas mesmas práticas e, mais ainda, aos modos de percepção culturalmente forjados que viabilizam certas formas de estar no mundo. Nessa condição, a experiência não é mediadora entre as coisas dispostas no ambiente e as representações contidas na mente. A experiência é intrínseca ao engajamento sensorial que caracteriza a percepção e à consciência da própria pessoa ao movimento dos elementos do ambiente, escolhidos como focos de atenção segundo aspectos culturais incorporados (INGOLD, 2000). Como é propósito deste capítulo esboçar uma forma de compreender as práticas organizacionais que venha a suprir a lacuna deixada por um entendimento descontextualizado do

entrelaçamento com o mundo-da-vida (SANDBERG; DALL'ALBA, 2009), a próxima seção é dedicada à revisão das teorias sobre cultura, percepção e conhecimento para compreender como esse entrelaçamento é produto do trabalho dos sentidos do corpo culturalmente situado (*embodiment*) sobre o contexto, ou a contextura do ambiente formado por circunstâncias sociais, econômicas e ecológicas.

PENSANDO SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO

A perspectiva do habitar (*dwelling perspective*), formulada por Ingold (2000), vem se somar a esse escopo paradigmático da fenomenologia, propondo que os interesses se voltem, justamente, para a realidade objetiva indeterminada e fenomenológica do viver-no-mundo. Para o autor (INGOLD, 2000), “a mente e suas propriedades não são dadas previamente à entrada do indivíduo no mundo social, mas ao invés disso, são formadas na história do envolvimento de toda uma vida com os outros” (p. 171). Entende-se, então, que percepção do social está fundamentada no envolvimento direto, mútuo e atento da pessoa com os outros no próprio *contexto da experiência*, anterior à representação. O paradigma do *embodiment* apresentado por Ingold (2000) trilha os caminhos abertos pela fenomenologia para advogar em favor da ideia de que o conhecimento do mundo é adquirido a partir da experiência direta, sempre

mediatizada por estruturas sociais incorporadas que condicionam certas formas de percepção. Em concordância, a perspectiva do habitar se apegua à preocupação de compreender as maneiras segundo as quais as pessoas percebem, agem, pensam, aprendem e cultivam suas memórias e, principalmente, como essas experiências estão condicionadas ao contexto de envolvimento prático com um mundo vivido.

Com a ajuda da vertente fenomenológica de Merleau-Ponty e o deslocamento do foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para outro que tome o ser-no-mundo (VELHO, 2001), Ingold (2000) recorrerá à Psicologia, por via da vertente ecológica (GIBSON, 1979), para delinear uma fenomenologia do habitar, que subentende as práticas da vida em contexto. A ecologia, e com ela o holismo, que são referências-chave em Bateson (1999) e se aprofundam em Ingold (2000), com a influência de Merleau-Ponty, parecem propícios para dar sequência ao deslocamento da dualidade entre sujeito e objeto e, a partir disso, da série de oposições que inclui aquela entre natureza e cultura. Neste ponto, o distanciamento da representação abre espaço para o imenso terreno do processo primário, pré-reflexivo destacado por Merleau-Ponty. “Terreno não do irracionalismo, mas das ‘razões do coração’, na expressão de Pascal retomada repetidamente por Bateson” (VELHO, 2001, p. 137), onde a metáfora e o simbolismo não existem como figuras de

linguagem mobilizadas para traduzir a experiência, mas sim como modo de comunicação vital, no seu sentido mais forte (VELHO, 2001). Para Ingold (2000), uma aproximação adequada da ecologia toma como ponto de partida “a totalidade-organismo-no-seu-ambiente” (p. 34). Em outras palavras, o ‘organismo mais (*plus*) ambiente’ denota uma totalidade indivisível, e uma ecologia da vida deve lidar com a dinâmica desse sistema totalidade, sem distinções entre a mente, a consciência, o organismo como um todo e o meio de seu envolvimento criativo com o mundo. Longe de revelar formas previamente especificadas, a vida é o processo da geração em curso, em que “cada ser vivo emerge, então, como uma corporificação (*embodiment*) particular e posicionada de seu potencial gerativo” (INGOLD, 2000, p. 51). Nesse sentido, a experiência com o ambiente contribui com a formação da consciência do organismo-pessoa a respeito dele mesmo, de suas atitudes e orientações em relação ao mundo. A experiência não pode ser tomada como o elemento mediador entre mente e natureza, uma vez que esses dois domínios não são separados (BATESON, 1999). Ao invés disso, ela deve ser entendida como intrínseca ao processo em andamento de estar vivo no mundo, do envolvimento total do organismo-pessoa com o ambiente.

Aliás, definir o que se entende através da noção de mundo é uma questão central para a perspectiva do habitar. Indubitavelmente, vivemos em um mundo que se expõe aos nossos sentidos e com o qual interagimos de maneira prática nos múltiplos processos que constituem o viver. Isso não impede, contudo, que as divisões artificiais entre cultura e natureza façam com que o mundo seja pensado como um objeto de contemplação separado dos domínios da experiência vivida. A imagem do globo terrestre – o planeta Terra –, desenvolvida em campos de conhecimento tão diversos quanto a Biologia, a Geologia e a Astrofísica apresentam o mundo como entidade metafísica, que evoca certas experiências transcendentais de percepção, como a ilusão de podermos ‘ver o mundo por fora’, como um corpo celeste que gravita no espaço, ou ‘ver o mundo por dentro’, como a superposição de camadas que se cobrem umas às outras a partir de um núcleo. De maneira semelhante, os discursos articulados contemporaneamente no âmbito da Geopolítica e mesmo das Ciências Sociais empregam como jargão a ‘perspectiva local’ e a perspectiva global’, estando a primeira contida na segunda e sendo, por consequência uma parte da totalidade representada por ela. Se a concepção de uma ‘perspectiva global’ reforça o distanciamento metafísico de um ser que está fora do mundo e que pode enxergá-lo plenamente, a concepção de uma ‘perspectiva local’ reduz a vida dos seres-no-mundo (ou seja, vida das pessoas comuns) à incompletude. Segundo Ingold (2000), o

mundo concebido como o globo, o planeta Terra em sua amplitude, consiste na materialidade pura e, ao mesmo tempo, impenetrável – porque apenas podemos ocupá-lo em sua superfície – cujo sentido é uma abstração elaborada pela mente humana. Neste caso, conhecer o mundo não é o resultado de um engajamento perceptivo, mas de uma reconstrução cognitiva, como se “o mundo se tornasse uma tabula rasa para a inscrição da história humana” (INGOLD, 2000, p. 214).

O mundo assim concebido é um objeto a ser transformado pela ação humana que lhe é exógena. Partindo de uma ontologia do destacamento (*ontology of detachment*), o pensamento Ocidental concebe que a construção da ordem humana enseja a destruição da ordem natural, como se as práticas do viver humano no mundo fossem artificiais – resultado de construções culturais que se interpuseram à natureza. Uma ontologia do engajamento (*ontology of engagement*) explica os modos de compreensão do mundo de maneira não construtivista, baseando-se “no engajamento prático e perceptual com os componentes de um mundo que é habitado e vivido (*inhabited and dwelt-in*), ao invés da observação desinteressada e destacada (*detached*) de um mundo que é meramente ocupado” (INGOLD, 2000, p. 216). A forma de compreensão fenomenológica assim enunciada situa a pessoa no mundo, mais precisamente no “centro de um universo ordenado de relações significativas” (*idem*).

Nessa medida, como anuncia Merleau-Ponty (2012), o mundo nunca pode ser separado da pessoa que o percebe, porque “toda percepção é uma comunicação ou uma comunhão, a retomada ou o acabamento, por nós, de uma intenção alheia ou, inversamente, a realização, no exterior, de nossas potências perceptivas como um acasalamento de nosso corpo com as coisas” (p. 429). O acasalamento da pessoa com o mundo origina a ambos, simultaneamente, pois ainda que o mundo esteja lá antes de tudo, o devir da pessoa exerce um impacto natural sobre ele. O mundo, então, pode ser definido como o meio inextricável, no qual o engajamento das pessoas com o ambiente origina e é originário das práticas do viver. Meio no qual as pessoas estão imersas e existem nos termos de uma simbiose, de uma inter-relação tão íntima, que se torna essencial à vida, de um *entrelaçamento* no qual pessoa e mundo estão de tal modo interligados que uma parte não pode ser descrita sem menção à outra, mesmo que o conjunto formado por elas seja divisível.

A perspectiva do habitar proposta por Ingold (2000) é inspirada também pela fenomenologia de Heidegger, principalmente pelo trabalho “*Building Dwelling Thinking*” (HEIDEGGER, 1971), no qual o filósofo questiona o que significa construir e habitar e qual é a relação entre essas duas práticas. Segundo Ingold (2000), Heidegger principia por apresentar aquilo que pode ser chamado de “visão

hegemônica, consagrada pelo discurso da modernidade ocidental”, qual seja conceber “o construir e o habitar como atividades separadas, mas complementares, relacionadas como meio e finalidade” (p. 185). Habitar, nesse sentido, refere-se apenas a ocupar uma casa ou um espaço de habitação, enquanto a construção é o lugar que acolhe certas atividades da vida. Para a visão hegemônica, o habitar fica circunscrito à construção, ao passo que, conforme o pensamento de Heidegger, esta posição parece reversa. Sua preocupação é recuperar essa última perspectiva, de modo que “nós possamos voltar a compreender como as atividades envolvidas no construir – cultivar, edificar – pertencem ao nosso habitar do mundo, à forma como somos” (INGOLD, 2000, p. 186). Isso significa que as maneiras através das quais as pessoas constroem ou elaboram o ambiente surgem no curso do seu envolvimento em atividades práticas, como o contexto relacional do seu engajamento prático com o mundo. Construções, bem como qualquer outra forma de modulação e organização do ambiente e das atividades que nele são desempenhadas, não podem ser entendidas como simples processos de transcrição de um *design* pré-existente até o resultado final, a partir de matérias-primas brutas – sendo o espaço a principal delas. Certamente, as pessoas têm capacidade de projetar o meio onde vivem e os objetos que o preenchem, mas essa capacidade visionária é, em si mesma, uma atividade desenvolvida no ambiente. Apenas porque as pessoas habitam o mundo é

que elas podem pensar, sentir e agir da maneira como fazem. E o fazer do mundo através da prática da construção é resultado do fazer das pessoas através da prática do habitar.

Construir é um processo em contínuo andamento, tão duradouro quanto possa ser o habitar da pessoa e de um grupo no ambiente. A construção “não começa aqui, com um plano pré-formulado, e termina lá, como um artefato acabado”, antes o contrário. A “forma final não é mais que um momento fugas na vida de qualquer organização”; um momento artificialmente extraído do fluxo normal das práticas do viver (INGOLD, 2000, p. 188). As pessoas participam ativamente da construção do ambiente onde vivem, ainda que o plano ou projeto dessa construção não tenha sido idealizado diretamente por elas. Isso porque elas constroem o ambiente ‘a partir de dentro’, através de práticas que impõem certa organização ao ambiente. Sendo assim, embora o ambiente jamais chegue a apresentar uma forma acabada, por outro lado, ele se constitui enquanto registro duradouro – uma marca ou testemunho – das vidas e das práticas das pessoas que o habitaram e que deixaram ali algo de si mesmas. Segundo Ingold (2000), “para os antropólogos, adotar uma perspectiva deste tipo significa dar suporte à ideia de que o conhecimento nasce da experiência íntima, privilegiando os entendimentos que as pessoas derivam de seu envolvimento

vivencial e cotidiano com o mundo” (p. 189). Significa também elaborar uma espécie de “crônica da vida e do habitar” (ADAM, 1998 *apud* INGOLD, 2000, p. 189), posto que o ambiente que abriga as práticas carrega consigo uma parte da vida dos habitantes / praticantes que participaram da sua construção. Assim, tem-se que as práticas no ambiente e os atos de percepção que derivam delas e as condicionam, simultaneamente, implicam a recordação dessa crônica – mas recordar não se coloca, nesse sentido, como uma questão de relembrar, ou evocar imagens internas, armazenadas na mente. Recordar é recuperar aquilo que sabemos de cor; é mergulhar no estado de engajamento perceptual com um ambiente impregnado de resquícios de práticas passadas.

Ingold (2000) propõe que “dizer ‘eu habito, você habita’ é idêntico a dizer ‘eu sou, você é’” (p. 185), porque “corpo e ambiente são termos complementares: um implica o outro, alternadamente, como figura e fundo” (p. 193). Em outra passagem, o autor diz ainda que “no habitar o mundo, nós não agimos sobre ele, ou fazemos algo em relação a ele; ao invés disso, nós nos movemos com ele” (INGOLD, 2000, p. 200). Tudo isso exprime a ideia de que o engajamento ou o entrelaçamento com o mundo existe como interatividade das pessoas sobre o ambiente e do ambiente sobre as pessoas. Para que o ambiente seja habitado é preciso que abrigue as práticas de agentes, que se

ofereça como suporte para a vida tanto quanto condicione as maneiras possíveis de viver, e carregue em si a temporalidade intrínseca a essa dinâmica. Assim, “a vida das pessoas e a história de suas relações podem ser traçadas nas texturas do ambiente”, (INGOLD, 2000, p. 200). Em síntese, tomar o ambiente como contexto de práticas pretende exprimir a ideia da contextura; da ligação da vida das pessoas – no passado, no presente e na suas projeções no futuro – formando um arranjo, uma estrutura, um sistema. Esse contexto, ou contextura, está certamente relacionado a aspectos da interação ecológica dos organismos-pessoa com o ambiente, como também da interação econômica das práticas que asseguram a manutenção da vida e da interação social que liga os indivíduos com motivações comuns para o desempenho das práticas.

Para além da dicotomia natureza / cultura, a ideia de contexto, reduzida a partir da perspectiva do habitar, implica que a fonte do conhecimento característico da cultura repousa nas pessoas tanto quanto no ambiente. Nesse sentido, desempenhar uma prática é recordar as ações desempenhadas por praticantes anteriores, ao mesmo tempo em que se elaboram novas maneiras de agir em face das mudanças no contexto. O que importa, conforme Ingold (2000), é que a prática se perpetue e “não que devam se reproduzir em réplicas precisas das performances passadas” (p. 147).

Essa dinâmica demanda uma boa dose de criatividade, afinal “uma prática bem recordada é aquela que se apresenta como uma resposta flexível para cada condição variável do ambiente” (INGOLD, 2000, p. 147). Por conseguinte, a perspectiva do habitar não opõe as circunstâncias de continuidade e mudança, e ainda expõe o fato de que a mudança está, na verdade, intrínseca à continuidade. A mudança é o que se observa quando tomamos alguns momentos diferentes de uma mesma prática separados no tempo, ao passo que a continuidade é o que se tem ao perfilar ou sobrepor todos os momentos dessa prática, fazendo com que o aglomerado de todos eles forme um *corpus* coeso. O desenvolvimento de um organismo, por exemplo, é um processo contínuo, mas se observarmos algumas etapas do seu crescimento em separado, notaremos a mudança. De maneira análoga, o desenvolvimento de uma prática contém o aspecto da mudança das pessoas no seu envolvimento umas com as outras e com o ambiente sem deixar, porém, de ser contínuo (INGOLD, 2000)

DISCUSSÃO

A emergência de uma perspectiva do mundo-da-vida, baseada na ideia de práticas como o processo de engajamento ativo com o ambiente, inscrito na ideia de habitar (*dwelling*) parece ser importante e necessária para enquanto vertene dos estudos



baseados na prática nos EOs, para que se elaborem compreensões holísticas do fenômeno organizacional. Isso porque os estudos sobre práticas têm perdido seu potencial crítico, como já dissemos anteriormente. Essa perda está muito relacionada ao fato do termo prática ser frequentemente empregado como sinônimo de rotina ou como um equivalente genérico para aquilo que as pessoas fazem (GHERARDI, 2009; GEIGER, 2009), sem que seja abordada de maneira mais profunda a relação dos praticantes com o contexto material, cultural e histórico em que essas práticas foram forjadas e permanecem sendo desempenhadas. As lentes da prática (GHERARDI, 2009) deveriam esclarecer como as ações estão atreladas a uma rede de conexões que se estabelecem em um mundo vivido e habitado sobre o qual os indivíduos não podem ter mais do que a ilusão do controle sobre suas intenções. Apesar disso, as práticas têm sido frequentemente tomadas como padrão recorrente de ação, o que lhes confere certo caráter instrumental e ressaltam seu papel estruturante no processo organizativo. Assim, parte dos estudos baseados nas práticas nos EOs capitula diante dos imperativos funcionalistas-estruturalistas dominantes nesse campo e não fazem avançar as discussões em direção a formas alternativas de compreender o fenômeno organizacional.

No escopo das possibilidades que uma abordagem baseada na perspectiva do habitar podem proporcionar três focos de pesquisa interrelacionados: (1) questionar a centralidade da ação humana nos processos organizativos; (2) refletir sobre os limites que a visão antropocêntrica hegemônica tem imposto aos EOs; e (3) resgatar uma perspectiva crítica sobre a relação entre organização e ambiente.

Em relação ao primeiro foco (1): questionar a centralidade da ação humana nos processos organizativos. Podemos relacioná-lo com perspectivas vigentes e bem estabelecidas que dão conta do caráter dinâmico e conjuntural das práticas e das organizações, relacionadas à Teoria Ator-Rede (TAR). Numa simplificação, podemos dizer que a TAR entende as práticas como resultado de arranjos materiais que envolvem pessoas, artefatos, organismos e coisas unidos através de interconexões em rede (LATOUR, 2009; SCHATZKI, 2006). Um possível caminho para entendimentos cruzados entre perspectivas alinhadas à TAR e uma fenomenologia relacionada à ideia de habitar seja expandir o espectro de compreensão dos não-humanos para o entorno, de modo mais amplo. Afinal, os não-humanos, assim como os humanos também, são parte do ambiente e compõem uma ecologia da vida, definida por Bateson (1999) como a relação intrincada entre os seres e sistemas do mundo cuja compreensão e aceitação veio a ser chamada de "graça". A ecologia faz parte da

discussão da polaridade entre sujeito e objeto e, com a ajuda da vertente fenomenológica de Merleau-Ponty e as noções de ser e habitar o mundo, parece contribuir de fato para um deslocamento do sujeito cartesiano e da sua oposição em relação à natureza (VELHO, 2001). Numa visão semelhante, a TAR questiona o humanismo moderno, que tenta relacionar a ação apenas aos seres animados, transforma os outros elementos do mundo em meros intermediários ou simples forças mudas (LATOURE, 2009).

Quando a ação é redistribuída entre múltiplos mediadores, perde-se a forma reduzida do homem, dos objetos, dos animais e dos fenômenos, mas se ganha uma forma não reduzida que desloca a relação sujeito/sociedade. Os humanos não são coisa, mas as coisas em si também não são coisas; da mesma forma que os humanos não são animais, não são máquinas, não são mercadorias, não são fenômenos. Todos esses elementos se associam para criar formas híbridas de quase-sujeitos e quase-objetos. As definições de natureza e sociedade provêm de um trabalho de mediação que não depende da separação entre elas, de modo que a produção de formas híbridas torna-se explícita e coletiva. Surge, então, uma democracia ampliada na qual os seres não humanos participam da política e da ética da vida-no-mundo. Nesse sentido, conforme Gherardi (2009b), tal leitura das práticas constitui uma

epistemologia que pode ser chamada de pós-humanista, à medida que se destina a descentrar o sujeito humano (KNOR-CETINA, 1997) ou a reconfigurar a agência como uma capacidade que se realiza através da associação de humanos e não-humanos (LATOURE, 2009). A partir do entendimento de que as organizações acontecem enquanto redes tecidas nas práticas que ligam as pessoas e a materialidade das organizações (SCHATZKI, 2006), ambiente – em suas dimensões material e social – é uma dinâmica na qual diversos elementos agem, transformam-se e transformam a realidade.

A TAR contribui também para o segundo foco (2): refletir sobre os limites que a visão antropocêntrica hegemônica tem imposto aos EOs. Desejamos expandir uma perspectiva pós-humanista para outra que, com base numa ideia de habitar como processo de engajamento com a natureza, questione radicalmente os limites do antropocentrismo nos EOs a partir de uma perspectiva ecológica. Para tanto, é necessário resgatar o Purser, Park e Montuori (1996), que expõe as causas e consequências históricas da centralidade do humano sobre as práticas organizacionais que têm degradado o ambiente e eliminado a possibilidade de convivência harmônica e equilibrada dos seres humanos com os outros seres da natureza. O antropocentrismo é baseado na ideia renascentista da separação entre



natureza e cultura, que evoluiu para o entendimento moderno do ambiente deveria ser tratado com distanciamento científico. Com a instituição desse paradigma, o mundo passou a ser visto como “um espetáculo distante” e as pessoas como “imóveis espectadores”, envolvidos por uma “curiosidade desengajada (*detached*)” (PURSER; PARK; MONTUORI, 1996, p. 1056). Purser, Park e Montuori (1996) argumentam sobre a importância, para os pesquisadores dos EOs, de refletirem sobre as raízes históricas do antropocentrismo, que evidencia como uma forma alienada de produção do conhecimento se tornou dominante e legítima, coproduzindo ambientes organizacionais a partir de práticas egocêntricas (MORGAN, 1996). Para Purser, Park e Montuori (1996), o antropocentrismo tem de ser reconhecido e erradicado antes que qualquer mudança efetivamente aconteça na relação entre humanos e não-humanos.

É importante pontuar que Purser, Park e Montuori (1996) falavam do panorama dos EOs na década de 1990, fortemente marcada pelo chamado ao engajamento do mundo organizacional com as questões ambientais (o que os autores chamam de “*greening of organization studies*”, p. 1055). Naquela época, o surgimento do pensar ecológico e a consciência de nossa responsabilidade pelo futuro da vida, dos ecossistemas, da humanidade e do planeta como um todo, alarmaram as



consciências, suscitaram discussões científicas, exigiram políticas novas quanto à relação entre desenvolvimento e meio ambiente, e desafiaram, sobretudo, a orientação para a destruição que rege as organizações capitalistas. Embora tenhamos algumas dificuldades em agrupar todas as questões ligadas ao movimento ambientalista, elas estão visíveis nas inquietações em relação aos estilos de vida atuais e sua sustentabilidade num horizonte temporal próximo, à qualidade da vida em si, à prosperidade econômica e, de forma mais geral, ao destino da vida humana na Terra. Não sabemos dizer se tais reações são sintomas ou possíveis fontes de cura da arraigada crença na modernidade e suas formulações racionais para justificar a divisão desigual do poder (LATOURE, 2009), mas o fato é que o problema ambiental vem sendo, mais e mais, apontado como consequência da estruturação da sociedade contemporânea, fundada em organizações. Apesar disso, sabemos que teorias alternativas e modos de pensamento tais como o eco-ambientalismo terão que ser particularmente robustos se quiserem modificar ou substituir modelos estabelecidos de organização baseados em uma perspectiva orgocêntrica (EGRI; PINFIELD, 2006).

A proposição de uma epistemologia que negue o antropocentrismo e suas consequências conduz ao terceiro foco (3): resgatar uma perspectiva crítica sobre a relação entre organização e ambiente. Shrivastava (1994) propôs essa crítica no

auge das discussões globais que sucederam grandes eventos de mobilização como a reunião do Clube de Roma, a Conferência de Estocolmo e a Rio 1992. O autor denunciou que muito embora as organizações sejam o principal instrumento através do qual os seres humanos exercem impacto sobre o ambiente, os EOs hesitam em se engajar em diálogos sérios sobre ambientalismo. Para Shrivastava (1994), uma primeira razão para essa falta de engajamento é que os EOs usam “conceitos de ‘ambiente organizacional’ que são desnaturalizados, limitados e paroquiais” (p. 705). O próprio termo ambiente organizacional, segundo o autor, impede ao mesmo tempo em que desvaloriza a incorporação do ambiente natural à teoria organizacional. Por isso, Shrivastava (1994) clamou por abordagens que deem centralidade ao ambiente natural, para originar uma teoria organizacional mais centrada na natureza ou, no linguajar em moda na época da publicação do seu artigo, mais verde.

Partindo de uma visão não funcionalista, que muitos teóricos têm chamado de ambientalismo radical (EGRI; PINFIELD, 2006), um novo entendimento sobre o relacionamento com a natureza aparece: em estudos feministas (MERCHANT, 1980; KING, 1989; PLANT, 1989; DIAMOND; FORESTEIN, 1990; WARREN, 1967), para os quais a degradação ambiental é consequência da dominação masculina. Também em estudos sobre emoção (FINEMAN, 1996; DOMAGALSKI, 1999), onde sensibilidade e razão se entrecruzam, de modo a promover a unificação de corpo e mente. Ainda em

estudos sobre a dimensão estética das organizações (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1981; GAGLIARDI, 1991; CZARNIAWSKA-JOERGES; JOERGES, 1995), nos quais a experiência sensorial dos elementos constitutivos do ambiente dá origem a novas formas de percepção, que caracterizam a organização como uma realidade física e tangível. Mais de trinta anos depois da proposição das correntes que acabamos de mencionar, acreditamos que os desafios de integrar os EOs a uma perspectiva verdadeiramente ecológica ainda sejam grandes. Nesse sentido a perspectiva do habitar pode ajudar a preencher uma lacuna que permanece em aberto, apesar dos esforços de diferentes linhas de pensamento.

CONCLUSÃO

Neste ensaio, discutimos o que é a perspectiva do habitar, alinhada com o paradigma do *embodiment*, para aprofundar o entendimento de mundo-da-vida. Nossos esforços foram dirigidos a contribuir para as teorias da prática no âmbito dos EOs, recuperando seu potencial crítico com a introdução de entendimentos que pressupõem reexaminar e reconceituar a prática e o substrato material e cultural onde se desenvolve. Nossa proposta buscou fornecer uma forma de entendimento que descreva as práticas a partir da ideia do entrelaçamento no mundo da vida,



como processo corporal e incorporado situado no ambiente. Ambiente que, por sua vez, foi definido não apenas enquanto o lugar onde as práticas acontecem, mas como espaço que é construído por elas e que, mutuamente, as constrói. O processo de habitar – inter-relação da pessoa com o contexto, definido em sua complexidade – é o próprio entrelaçamento com o mundo da vida.

As construções teóricas que elaboramos neste artigo vêm se alinhar ao movimento cuja ênfase nas pesquisas tem recaído sobre a temática das práticas nos EOs. A proposição consiste na compreensão das práticas como relação de conhecimento corporal e incorporada, a partir de entendimentos que se opõem ao cognitivismo. Além disso, o esforço empreendido neste artigo, no sentido de esclarecer a perspectiva do habitar, vem se somar ao entendimento das práticas situadas no mundo da vida para dar conta da complexidade e profundidade das relações mediadas por elas. Sendo assim, nossa contribuição se dirige a preencher a lacunas identificadas nos estudos sobre as práticas nos EOs quanto a necessidade de promover uma articulação mais clara do entrelaçamento com o mundo da vida que, segundo Sandberg e Dall’Alba (2009) , é crucial para a análise da prática organizativas.

Esperamos ter contribuído para os estudos da prática no âmbito dos EOs esclarecendo e aprofundando uma proposta anterior (SANDBERG; DALL'ALBA, 2009) e compactuando com ela da necessidade de ampliar a compreensão das organizações e das práticas organizacionais a partir da perspectiva do mundo da vida. Para que essa corrente contribua efetivamente para uma nova abordagem sobre as práticas, outros conceitos de mundo de vida permanecem sendo necessários, assim como são necessárias investigações empíricas que façam avançar o quadro conceitual, e desenvolvam métodos de investigação e formas de apresentação da pesquisa coerentes com a complexidade das práticas organizacionais.

REFERÊNCIAS

- BATESON, G. Steps to an ecology of mind. Chicago: University of Chicago Press, 1999. 565 p.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; ROCHBERG-HALTON, E. The meaning of things. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. 304 p.

CZARNIAWSKA-JOERGES, B.; JOERGES, B. Windows of organizational change. In: BACHARACH S.; GAGLIARDI, P.; MUNDELL, B. (Ed.). Studies of organization in European tradition. Greenwich: JAI Press, 1995. p. 171-210.

DALE, K. Anatomising embodiment and organisation theory. Basingstoke: Palgrave, 2001. 249 p.

DIAMOND, I.; FORESTEIN, G (Ed.). Reweaving the world: the emergency of ecofeminism. São Francisco: Sierra Club Books, 1990. 320 p.

DOMAGALSKI, T.A. Emotion in organizations: main currents. Human Relations, New York, v. 52, n. 6, p. 833-852, June 1999.

DORNELLES, D.; FLORES-PEREIRA, M. T. As corporalidades do trabalho bailarino: entre a exigência extrema e o dançar com a alma. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 17, n. 6, p. 720-738, nov./dez. 2013.

EGRI, C. P.; PINFIELD, L. T. As organizações e a biosfera: ecologia e meio ambiente. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Org.). Handbook de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas 2006. v. 1. p. 361-397.

FINEMAN, S. Organizations as emotional arenas. In: FINEMAN, S. (Ed.). Emotion in organization. Londres: Sage, 1996. p. 9-35.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. Organizações & Sociedade, Salvador, v. 17, n. 54, p. 417-438, jul./set. 2010.

FLORES-PEREIRA, M. T.; DAVEL, E.; CAVEDON, N. R. Drinking beer and understanding organizational culture embodiment. Human Relations, New York, v. 61, n. 7, p. 1007-1026, July 2008.

GAGLIARDI, P. Artifacts as pathways and remnants of organizational life. In: GAGLIARDI, P. (Ed.). Symbols and artifacts: views of the corporate landscape. Berlin: Walter de Gruyter, 1991. p. 3-38.

GÄRTNER, C. Cognition, knowing and learning in the flesh: six views on embodied knowing in organization studies. *Scandinavian Journal of Management*, Amsterdam, v. 29, n. 4, p. 338-352, Dec. 2013.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. *Management Learning*, London, v. 40, n. 2, p. 129-144, Apr. 2009.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the practice lens. *Management Learning*, London, v. 40, n. 2, p. 115-128, Apr. 2009

GHERARDI, S.; MERILÄINEN, S.; STRATI, A.; VALTONEN, A. Editors' introduction: A practice-based view on the body, senses and knowing in organization. *Scandinavian Journal of Management*, Amsterdam, v. 29, n. 4, p. 333-337, Dec. 2013.

GIBSON, J. *The ecological approach to visual perception*. London: Lawrence Erlbaum, 1979. 346 p.

HANCOCK, P. Embodied generosity and ethics of organization. *Organization Studies*, London, v. 29, n. 10, p. 1357-1379, 2008.

HASSARD, J.; HOLLIDAY, R.; WILLMOTT, H. (Ed.). *Body and organization*. London: Sage, 2000. 272 p.

HEIDEGGER, M. *Poetry, language, thought*. New York: Harper & Row, 1971. 256 p.

INGOLD, T. *Perceptions of environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000. 480 p.

KING, Y. The ecology of feminism and the feminism of ecology. In: PLANT, J. (Org.). *Healing the wounds: the promise of ecofeminism*. Santa Cruz: New Society, 1989. p. 18-28.

KNORR-CETINA, K. Sociality with objects: social relations in postsocial knowledge societies. *Theory, Knowledge and Society*, London, v. 14, n. 4, p. 1-30, Nov. 1997.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. 152 p.



MERCHANT, C. The death of nature: woman, ecology and the scientific revolution. New York: Routledge, 1980. 384 p.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 672 p.

PLANT, J. Healing the wounds: the promise of ecofeminism. Santa Cruz: New Society, 1989. 262 p.

PURSER, R.; PARK, C.; MONTOURI, A. Limits to anthropocentrism: toward an ecocentric organization paradigm? In: Academy of Management Review, Briarcliff Manor, v. 20, n. 4, p. 1053-1089, Oct. 1995.

SANDBERG, J.; DALL'ALBA, G. Returning to practice anew: A life-world perspective. In: Organization Studies, London, v. 30, n. 12, p. 1349-1368, 2009.

SCHATZKI, T. Practices and actions: a wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. Philosophy of the Social Sciences, London, v. 27, n. 3, p. 283-308, Sep. 1997.

SHRIVASTAVA, P. Catrated environment: greening organizational studies. In: Organization Studies, London, v. 15, n. 5, p. 705-726, Sep. 1994.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice based learning. Management Learning, London, v. 38, n. 1, p. 61-77, Feb. 2007.

VELHO, O. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. Mana, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 133-140, out. 2001.

WARREN, R. L. The interorganizational field as a focus for investigation. In: Administrative Science Quarterly, Ithaca, v. 12, n. 3, p. 396-419, Dec. 1967.

YAKHLEF, A. The corporeality of practice-based learning. Organization Studies, London, v. 31, n. 4, p. 409-430, Apr. 2010.

Ensaio sobre a perspectiva habitar e suas possíveis contribuições para os Estudos Organizacionais

Resumo

O propósito deste ensaio é resgatar a perspectiva do mundo da vida. Tal perspectiva tem sido tomada como pano de fundo para muitas abordagens baseadas na prática, muito embora não venha sendo consistentemente adotada em pesquisas no campo dos Estudos Organizacionais (EOs). A partir da fenomenologia, avançamos para o entendimento da perspectiva do habitar, que pressupõe uma forma holística-ecológica de entender as práticas em contexto. Desses entendimentos teóricos, propomos uma discussão dirigida a três focos de pesquisa inter-relacionados: (1) questionar a centralidade da ação humana nos processos organizativos; (2) refletir sobre os limites que a visão antropocêntrica hegemônica tem imposto aos EOs; e (3) resgatar uma perspectiva crítica sobre a relação entre organização e ambiente.

Palavras-chave

Perspectiva do habitar; mundo da vida; fenomenologia, ecologia, ensaio.

The dwelling perspective and its possible contributions to organization studies

Abstract

The aim of this essay is to recover life-world perspective. Such perspectives have been taken as background for many practice-based approaches, even though it has not been consistently used in researches within Organization Studies' (OS) field. From phenomenology, we go straight to the direction of dwelling perspective that states in favor of a holistic-ecological way of understanding practices in context. From these theoretical understandings, we propose a discussion driven to three interrelated research foci: (1) to question the centrality of human action in organizing processes; (2) to reflect on the limits that hegemonic anthropocentric view have imposed to OS; and (3) to rescue a critical perspective about the relation between organization and environment.

Keywords

Dwelling perspective; Life-world; Phenomenology; Ecology; Essay.

La perspectiva del habitar y sus posibles contribuciones para los estudios organizacionales

Resumen

El propósito de este ensayo es rescatar la perspectiva del mundo de la vida. Esta perspectiva se ha tomado como un telón de fondo para muchos enfoques basados en la práctica, aunque no constantemente se están adoptando en la investigación en el campo de los Estudios Organizacionales (EOS). Desde la fenomenología, movemonos para la comprensión de la perspectiva del habitar, lo que requiere una manera holística-ecológica de comprender las prácticas en su contexto. Desde estas interpretaciones teóricas, proponemos una discusión dirigida de tres investigaciones interrelacionadas centra: (1) cuestionar la centralidad de la acción humana sobre los procesos organizativos; (2) discutir los límites que la visión antropocéntrica hegemónico ha impuesto a las organizaciones de empleadores; y (3) para redimir una perspectiva crítica sobre la relación entre la organización y el medio ambiente.

Palavras-clave

Perspectiva del habitar; Mundo de la vida; Fenomenología; Ecología; Ensayo.



Autoria

Marina Dantas de Figueiredo

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Adjunta da Universidade de Fortaleza. E-mail: marina.dantas@unifor.br.

Endereço para correspondência

Marina Dantas de Figueiredo. Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Bloco P, Sala 17, Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz, Fortaleza, CE, bRASIL. CEP: 60811-905. Telefone: (+55 85) 34773229.

Como citar esta contribuição

FIGUEIREDO, M. D. Ensaio sobre a perspectiva habitar e suas possíveis contribuições para os Estudos Organizacionais. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 221-265, abr. 2016.

Contribuição Submetida em 15 jul. 2014. Aprovada em 8 set. 2015. Publicada online em 30 mar. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor : Luiz Alex Silva Saraiva.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 3 | N. 6 | ABRIL | 2016 | ISSN: 2358-6311